

Crítica // Lar ★★

Da constituição de sonhos

Ricardo Daehn

Um passado de instabilidade assombra o cineasta Leandro Wenceslau, não apenas responsável pelo projeto Cine Vida, centrado na formação em audiovisual na capital de Minas Gerais, mas ainda representante do vigor da produção LGBTQIA+. É como registra uma personagem do documentário: “cada um tem uma história triste e alegre para contar”; no caso de Wenceslau pesou a fusão das circunstâncias. Como cita no filme, que preza uma narrativa com o encontro por meio do outro, ele contou com rede de apoio para avançar e buscou consistência de enredos saídos

do cotidiano de integração proposto nos quadros de adoção Brasil afora.

O propósito da realização pessoal (com o filme) atravessou mudanças nas três famílias, inicialmente passíveis de identificação, pelo enfrentamento de preconceitos e um

punhado de problematizações referentes à sexualidade. Transfobia e traumas vão de encontro ao acolhimento recebido em abrigos e seios familiares. Fora dos modelos tradicionais, as novas famílias dão a cara no filme.

Apesar do espírito de

resistência presente na narrativa, não há como não demarcar o desconforto com a falta de substância da realização. O diretor fala abertamente de suas dificuldades, em meio a sonhos e ilusões desfeitas durante todo o processo, que resistiu ao governo Bolsonaro e à pandemia.

É interessante acompanhar o empenho nascido na (adotada) menor aprendiz, a busca por equilíbrio de uma mãe solo, os esforços até na instância legal de pais gays; mas as conquistas não chegam muito bem encadeadas, dada uma montagem algo confusa do longa Lar.

Lar: transformadores encontros de almas

IMAGEM FILMES

Tudo sinônimo de heresia?

Fundamentos evangélicos e filosóficos, mais precisamente saídos do apócrifo intitulado Pseudo-Tomé, serviram de base para o desenvolvimento de Sombras no deserto, longa-metragem que mescla explosivos elementos: religiosidade e terror. A façanha é do diretor egípcio Lotfy Nathan, de criação britânica, e que consolidou a profissão nos Estados Unidos.

Depois de contar a ascensão de um personagem tunisiano metido em contrabando e que assume a responsabilidade pela criação das irmãs, no longa Harqah (vencedor de melhor

ator para Adam Bessa, na mostra Um Certo Olhar, em Cannes), Lotfy investe num enredo situado no Egito Antigo. Sob impedimentos logísticos e resultantes de censura (de ordem religiosa), a produção do filme recriou parte do Delta do Nilo,

na Grécia — filmando muito na cadeia de Montanhas Brancas (ilha de Creta).

Um definitivo confronto de forças antagônicas castigam a unidade de uma compacta família em fuga, no seio de um grupo inseguro quanto

a validade da fé. A lida com o desconhecido implanta, pouco a pouco, um embate entre Carpinteiro (personagem do ganhador do Oscar Nicolas Cage), a esposa dele (FKA Twigs) e uma criança inicialmente identificado como Menino

(papel de Noah Jupe). Toda a trama de Sombras no deserto, nitidamente, faz alusão à vida de Jesus. A fase da adolescência com a falta de domínio de poderes incompreendidos traz estofo e pólvora para o longa-metragem. (RD)

Sombras no deserto: um terror bíblico